
Dinâmica da agroindústria do vinho no Brasil e na Espanha nas últimas décadas: estudo comparativo

Dinámica de la industria vitivinícola en Brasil y España en las últimas décadas: estudio comparativo

Dynamics of the wine industry in Brazil and Spain in the last decades: a comparative study

Dynamique de l'industrie vitivinicole au Brésil et en Espagne au cours des dernières décennies : étude comparative

Marlon Clovis Medeiros, Silvia Cristina Limberger e Rosa Mecha López



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/23679>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.23679

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Marlon Clovis Medeiros, Silvia Cristina Limberger e Rosa Mecha López, «Dinâmica da agroindústria do vinho no Brasil e na Espanha nas últimas décadas: estudo comparativo», *Espaço e Economia* [Online], 25 | 2023, posto online no dia 06 setembro 2023, consultado o 23 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/23679> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.23679>

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 setembro 2023.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 4.0 Internacional - CC BY-NC-SA 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dinâmica da agroindústria do vinho no Brasil e na Espanha nas últimas décadas: estudo comparativo

Dinámica de la industria vitivinícola en Brasil y España en las últimas décadas: estudio comparativo

Dynamics of the wine industry in Brazil and Spain in the last decades: a comparative study

Dynamique de l'industrie vitivinicole au Brésil et en Espagne au cours des dernières décennies : étude comparative

Marlon Clovis Medeiros, Silvia Cristina Limberger e Rosa Mecha López

INTRODUÇÃO

- 1 Nas últimas décadas, o processo de desindustrialização, combinado com a persistente crise econômica, ganhou espaço no Brasil e na Espanha (assim como em outros países da UE). Se tornou evidente a queda da importância da indústria de transformação nos valores do PIB, no volume de emprego na produção especialmente de bens intermediários e de bens de capital. No entanto, esse contexto destacou a existência de uma geografia de atividades econômicas em que certas regiões e setores continuam a crescer, apesar do contexto geral de crise. Os setores agroalimentares continuam entre os mais dinâmicos dos países analisados e contam com políticas regulatórias e incentivos que não estão mais (ou quase não estão) presentes no restante dos setores industriais.
- 2 A Espanha, mesmo com fundos e apoio europeus, não escapou das políticas liberais de abertura econômica e de cortes nos recursos e nos investimentos públicos após a crise de 2008. A euforia com a "globalização" e a "sociedade pós-industrial" da década de 1990, que para os europeus se traduziu em aumento de renda, consumo e padrão de vida, terminou com a crise econômica e a constatação de que o país havia perdido

setores produtivos, capacidade de crescimento e competitividade internacional. No Brasil (assim como em outros países da América do Sul), a crise veio na década de 1990, em um contexto de abertura econômica e políticas liberais, com uma moeda valorizada e altas taxas de juros.

- 3 Assim, a geografia econômica de regiões e setores que resistem e se expandem está ganhando terreno. Os setores agroindustriais de alimentos desempenham um papel importante na produção, nas exportações e no desenvolvimento econômico no Brasil e na Espanha. Assim, eles têm sido estudados por geógrafos, economistas e outros pesquisadores que buscam entender a dinâmica do setor e contribuir para a elaboração de políticas regulatórias e de desenvolvimento. Com os recentes processos de desindustrialização e deslocalização de muitas cadeias de produção industrial, a importância da agroindústria aumentou ainda mais, tanto em termos de geração de valor e emprego, quanto em termos de abastecimento dos mercados de alimentos, diante da desorganização causada pela pandemia de covid-19.
- 4 A agroindústria do vinho é representativa de um setor com produtos de alta qualidade e valor agregado médio-alto, que está associado ao desenvolvimento produtivo, aos hábitos e padrões de consumo e à agricultura nacional. Na Espanha, o setor é consolidado e tradicional, enquanto no Brasil a produção de vinhos finos é recente, está em fase de consolidação e enfrenta forte concorrência de importados. Por outro lado, se falarmos do mercado consumidor, o Brasil tem um potencial de crescimento maior, pois o consumo per capita é muito inferior à média dos países europeus, enquanto na Espanha o consumo per capita já atingiu seu pico.
- 5 A importância do estudo está na possibilidade de fazer múltiplas leituras em busca de desenvolvimento, com base na comparação da experiência de diferentes países. A produção e a comercialização de vinhos se tornaram um setor importante na Espanha (assim como em toda a Europa mediterrânea), com um importante valor agregado, um conjunto de políticas de incentivo, regulamentação e determinação de denominações de origem protegidas. No Brasil, o setor é recente e com poucos estudos, o que abre possibilidades de análise e desenvolvimento de políticas, com base na trajetória espanhola e nos inúmeros estudos já realizados. A importância do setor vitivinícola não se refere apenas à cadeia produtiva em si, mas também ao estímulo de serviços como o enoturismo, a pesquisa científica e a inovação, além da ampla questão da produção de alimentos de qualidade. Essas diversas questões demonstram a importância do estudo geográfico da agroindústria do vinho no Brasil e na Espanha, em uma análise qualitativa e quantitativa conjunta, que busca relacionar a estrutura e o processo de evolução recente.
- 6 Muitos estudos têm sido realizados sobre a cadeia produtiva e comercial do vinho na Espanha, desde análises panorâmicas sobre a importância econômica e cultural do vinho e das denominações de origem (Castillo Valero, Compés López, 2014; Esteban Rodríguez, 2017; Esteban Rodríguez, Climent López, 2017; Sánchez Hernández, 2014; Vázquez de la Torre, 2012), passando por questões de mercado e consumo (Albisu, 2014; OEMV, 2009), à regulamentação pública e aos programas de financiamento (Serrano, 2017; Cantó López, 2006; Cejudo García, Maroto Martos, 2010; Gonzalo Langa, 2015), à dinâmica das regiões produtoras (Amador, Sánchez Hernández, Santos, 2003; Cañizares Ruiz, 2014; Galilea, Arnáez, Lasanta, Ortigosa, 2015; Sánchez Moral, Arévalo Sánchez, 2017; Mecha, 2006). Isso mostra a importância do setor e a necessidade de mais estudos,

pois houve muitas mudanças na dinâmica das exportações, na produção agrícola e nas regulamentações da Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia.

- 7 No Brasil, ainda há poucos estudos sobre o agronegócio do vinho, pois o setor é relativamente novo e não é tão relevante em termos econômicos. Há relatórios de órgãos técnicos (Caliari, 2021; Embrapa, 2020; Giesbrecht, Minas, 2016; Market Analysis, 2009; Mello, 2018; BRDE, 2005), trabalhos de pesquisadores sobre questões mais específicas das regiões produtoras (Losso, Pereira, 2014; Nodari, Frank, 2019; Amorim, Medeiros, 2014; Abreu, Sá, et al, 2013; Farias, 2009), dinâmicas do mercado consumidor de vinhos (Almeida, Bragnolo, Chagas, 2015; Debastini, Cáceres Leite et al, 2015) e um estudo comparando denominações de origem de vinhos no Brasil e na França (Cabral, 2019), entre outros. No entanto, faltam estudos mais amplos e recentes que analisem a dinâmica da vitivinicultura como uma cadeia de produção agroindustrial em expansão e modernização.
- 8 A pesquisa tem como objetivo comparar a dinâmica geográfica da agroindústria do vinho na Espanha e no Brasil, buscando analisar as diferentes características estruturais dos setores nos dois países: condições de produção, concentração regional, mercados consumidores, condições tecnológicas e agentes territoriais que estimulam e regulam a produção.
- 9 A metodologia do estudo baseia-se em fontes estatísticas setoriais, trabalho de campo e visitas a unidades de produção e comerciais, bem como na bibliografia existente sobre estudos do vinho com foco geográfico em ambos os países, além de trabalho de campo realizado pelos pesquisadores. A combinação da análise de processos socioeconômicos com estatísticas possibilita a elaboração de um panorama da evolução e da situação atual do setor agroindustrial do vinho no Brasil e na Espanha, destacando suas diferenças e semelhanças e sua relação com a dinâmica geral de desenvolvimento dos dois países. Baseia-se na hipótese de que existem grandes diferenças entre a Espanha e o Brasil em termos de nível de desenvolvimento econômico e espacial do setor vitivinícola, de modo que a comparação pode permitir a transferência de conhecimento entre os dois países com vistas a políticas e estratégias de desenvolvimento regional no Brasil, apoiadas na produção e comercialização de vinhos de qualidade.
- 10 O trabalho parte de uma visão teórica de geografia econômica baseada em Méndez e Mecha (2001), Santos (2008) e Mamigonian (2001), buscando uma combinação de estudos setoriais-regionais com uma visão de desenvolvimento e comparações internacionais, analisando a formação e a dinâmica dos sistemas produtivos locais em sua especificidade e em sua relação com a dinâmica econômica, as políticas e o mercado global do setor. Essa visão teórica é fundamental na análise dos sistemas agroindustriais, que têm, ao mesmo tempo, determinantes territoriais e naturais locais e enfrentam a concorrência internacional.
- 11 O artigo está dividido em três partes: primeiro, discute-se a estrutura industrial e a produção de vinho no Brasil e na Espanha, combinando dados estatísticos com análises regionais e históricas; segundo, discutem-se as diferenças entre os sistemas de denominação de origem e qualidade na Espanha e no Brasil; terceiro discutem-se os mercados consumidores de ambos os países e sua inserção no mercado internacional de vinhos. Por fim, é elaborado um quadro-síntese das diferenças e semelhanças do setor vitivinícola no Brasil e na Espanha.

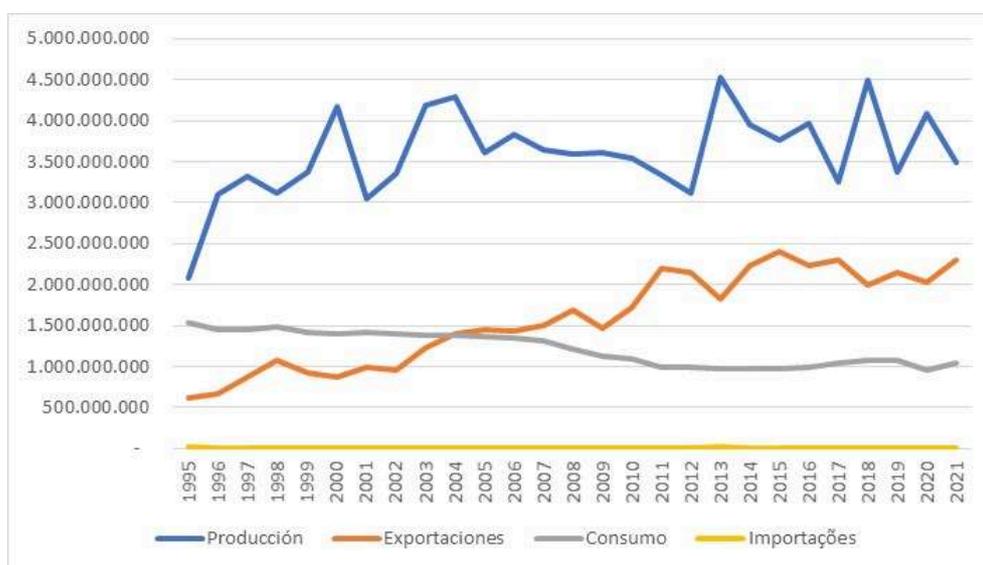
ESTRUTURA INDUSTRIAL E PRODUÇÃO DE VINHO

- 12 As vinícolas no Brasil estão estruturadas em empresas familiares de pequeno e médio porte, bem como em grandes grupos empresariais nacionais e cooperativas agrícolas. Nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, as cooperativas agrícolas desempenham um papel importante na produção e no apoio aos agricultores. Duas estruturas de produção de vinho completamente diferentes persistem no Brasil: uma é antiga e difundida, produzindo vinho de mesa (chamado de "vinho colono"), e a outra é recente e concentrada em poucas empresas e regiões (produzindo o chamado "vinho fino"). O vinho de colono é tradicionalmente produzido a partir de uvas de mesa, resultando em um vinho de baixa qualidade com alto teor alcoólico, ao qual são frequentemente adicionados açúcar e outros aditivos para melhorar o sabor. O vinho colono é tradicional em regiões de descendência italiana, que o produzem informalmente em áreas rurais desde o século XIX. Esse vinho se estabeleceu nos mercados urbanos devido ao seu baixo valor, que permite o consumo em larga escala, mesmo por grupos populacionais de baixa renda. A produção em larga escala é facilitada pela ausência de padrões de matéria-prima, pois qualquer tipo de uva pode ser usado.
- 13 Os vinhos finos começaram a ser produzidos no Brasil na década de 1990, são de alta qualidade e seguem os padrões técnicos das principais regiões produtoras de vinho do mundo, utilizando uvas *vitis vinifera*. O maior obstáculo para sua produção em larga escala é o excesso de chuvas nas regiões produtoras do Sul, o que faz com que inúmeras safras sejam inadequadas para a produção de vinhos. Essas uvas se adaptaram gradualmente às condições de solo e clima do Brasil. O principal problema está na produção de vinho tinto, embora para os vinhos brancos e espumantes (naturalmente doces), o clima úmido não seja uma restrição. No Brasil, os vinhos finos têm preços muito mais altos e um consumo elitizado.
- 14 No caso da Espanha, a estrutura do setor vinícola é muito mais ampla, com milhares de vinícolas em todas as regiões, com estruturas variadas, desde pequenas empresas familiares que atendem aos mercados locais até grandes grupos nacionais e grupos ligados a conglomerados internacionais. A produção varia de vinhos de média e alta qualidade em grande escala, passando por vinhos de altíssima qualidade e valor em uma escala de produção menor, até vinícolas que produzem sob sua própria denominação de origem protegida (vinos de pago).
- 15 A Espanha é um dos maiores produtores de vinho do mundo, com a maior superfície de vinhedos, o terceiro país em termos de volume de produção e o primeiro em termos de exportações (OIV, 2022). Juntamente com outros países mediterrâneos, é a principal e mais tradicional região produtora de vinho do mundo, bem como uma das principais regiões agrícolas em geral.
- 16 Espanha, França, Itália, Portugal e Grécia produziram juntos 13,2 bilhões de litros de vinho, o que representou 50,2% do total mundial em 2021 (OIV, 2022). A França, a Itália e a Espanha têm uma produção muito maior do que as demais, representando 46,7% da produção mundial de vinho em 2021. No entanto, como o consumo nessa região se estabilizou, com uma tendência de queda, especialmente nos maiores países consumidores, a produção se estabilizou nos últimos 20 anos.
- 17 A América do Sul, por outro lado, representa uma nova região produtora de vinho, com uma produção crescente em qualidade e quantidade, especialmente Chile, Argentina,

Uruguai e Brasil. Juntos, esses países respondem por 11,5% da produção mundial de vinho. Desses países, o Brasil apresenta o mais recente processo de modernização de sua indústria vinícola, a produção de vinhos de alta qualidade e regiões especializadas.

- 18 O Gráfico 1 mostra os dados sobre produção, exportação e consumo de vinho na Espanha de 1995 a 2021. Pode-se observar que a produção aumenta acentuadamente de 1995 a 2004, mas nos anos seguintes flutua nos mesmos níveis de 3 a 4 milhões de litros por ano. O consumo, por outro lado, cai progressivamente de 2004 em diante, atingindo 68% do que foi consumido em 1995 em 2021. Essa queda é compensada por um forte crescimento das exportações de 268% no mesmo período.

Gráfico 1- Vinho na Espanha- Produção, Exportação, Importação e Consumo (Litros)



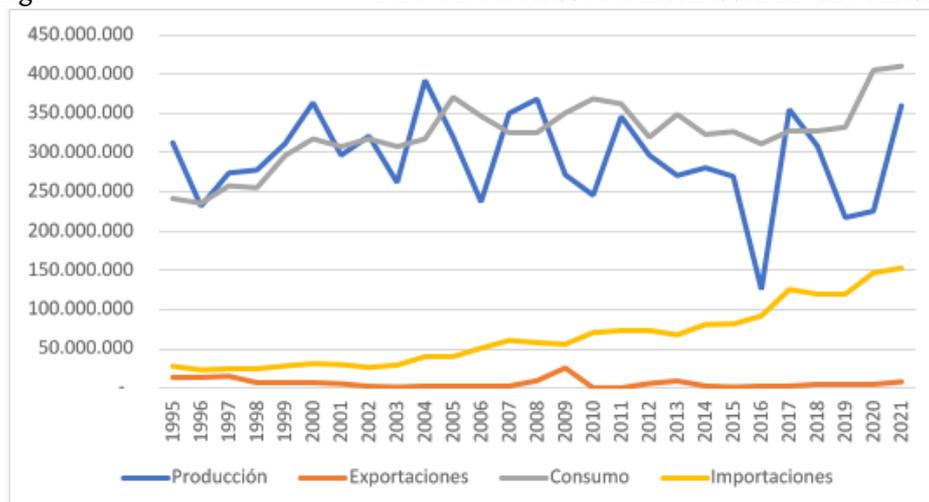
Fonte: OIV Statistics Database, 2022.

- 19 Os dados sobre o vinho no Brasil podem ser vistos de forma agregada no gráfico nº 2. A produção total de vinho não cresceu tanto, mas há uma mudança qualitativa importante, com um aumento na produção de vinhos finos e uma redução no vinho de mesa.

Gráfico 2- Vinho no Brasil- Produção, Exportação, Importação e Consumo (Litros)

Image

10167C1000003A9900001DFA2699AF1D7BD041E8.emf



Fonte: OIV Statistics Database, 2022.

- 20 A estabilidade da produção na Espanha gerou mudanças qualitativas, com o objetivo de aumentar a produtividade por área de superfície, renovar os vinhedos e expandir as regiões com registros de denominação de origem. Essa foi uma medida fundamental para ampliar a participação internacional dos vinhos espanhóis, em comparação com os vinhos de alta qualidade mais reconhecidos da França e da Itália.
- 21 Na Espanha, houve um avanço recente na produção de vinhos de maior qualidade registrados em DOPs e a redução das áreas tradicionais de produção (Esteban Rodríguez, 2017; Sánchez Hernández, 2014). O número de indicações geográficas registradas aumentou de 21 para 83 entre 1982 e 2011. Várias condições institucionais apoiaram essa evolução. Mas, como Sánchez Hernández (2014, p. 35) ressalta: "No entanto, esse processo não ocorre em um vácuo sociocultural e econômico, muito menos em um limbo jurídico, já que o vinho é o único alimento na Espanha com uma sucessão de leis específicas aprovadas no Parlamento espanhol".
- 22 Portanto, uma mudança qualitativa profunda em um ramo da indústria alimentícia só pode ocorrer por meio da integração dos diferentes elementos que compõem a cadeia de produção e, além disso, do Estado e do consumidor final. Não se tratava de uma mudança de um indivíduo, mas de toda uma coletividade. Além da cadeia produtiva, o país inteiro estava caminhando para uma mudança profunda que combinava o fim da ditadura de Franco, a entrada na União Europeia, o aumento da renda per capita e a consolidação de um estilo de vida de classe média urbana com bom poder aquisitivo e com suas necessidades básicas satisfeitas. Os incentivos oficiais também foram direcionados às exportações, com o objetivo de transformar a Espanha em um grande exportador, como pode ser visto no Gráfico 1.

O SISTEMA DE CERTIFICAÇÃO DE ORIGEM E DE QUALIDADE NA ESPANHA E NO BRASIL

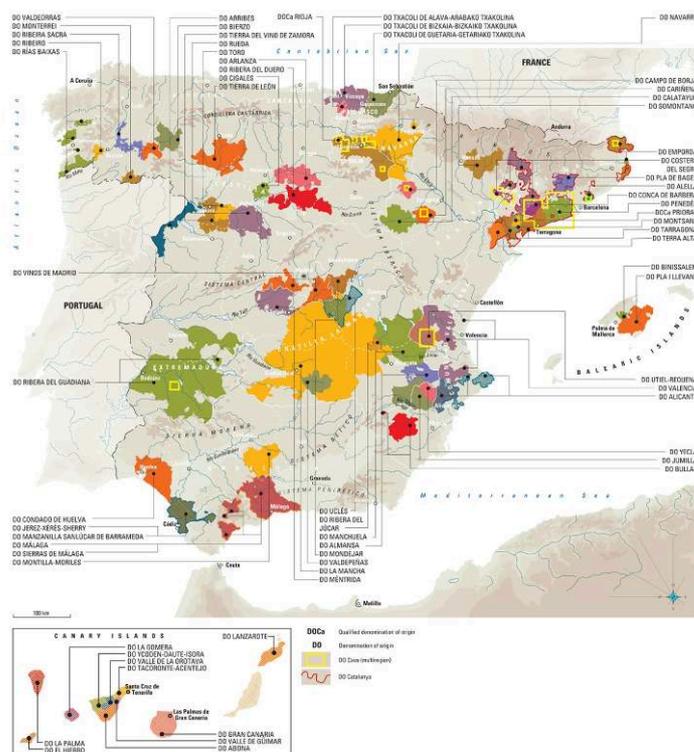
- 23 O sistema de qualidade diferenciada, indicado pelos rótulos de Denominação de Origem e Indicação Geográfica Protegida, foi estendido a vários produtos alimentícios na

Espanha (assim como em vários outros países europeus). De acordo com o Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação da Espanha, há 19 "famílias de produtos" elegíveis para registro: azeite de oliva virgem; azeitonas; arroz e outros cereais; bebidas alcoólicas; carnes frescas; condimentos e especiarias; salsichas e produtos de carne; frutas; legumes; presunto; verduras; mel; peixes, moluscos e crustáceos; produtos de padaria e pasteleria; queijos e manteiga; cidra; vinagre; vinhos DOP e vinhos locais.

- 24 Esse sistema garante tanto a qualidade superior dos produtos registrados quanto a delimitação de regiões para sua produção, e visa garantir melhores preços para os produtores a preços acessíveis para os consumidores. Além disso, em termos econômicos, eles garantem proteção e reserva de mercado para os produtores agrícolas e agroindustriais europeus, pois o sistema de qualidade é regulamentado tanto pela União Europeia quanto por países individuais. No âmbito da Espanha, em particular, desde 2002, há um papel mais relevante das Comunidades Autônomas na regulação do vinho e das denominações de origem (Martinez- Arnaíz, Baraja-Rodriguez, Herrero-Luque, 2022). Há também, no âmbito local de cada Denominação de Origem, um conselho regulador que estabelece regras específicas e fiscaliza o seu cumprimento.
- 25 Isso mostra que a modernização das cadeias de produção agroindustriais, e do vinho em particular, não foi um processo isolado, mas faz parte de uma dinâmica de desenvolvimento muito mais ampla, coordenada pelos estados nacionais e pela União Europeia. A Política Agrícola Comum (PAC) da UE incentivou e orientou esse processo, financiando inclusive o "arranque" de vinhedos menos produtivos e até mesmo a redução da produção em determinados períodos. O arranque vinhos foi financiado, por exemplo, nos anos 1980, visando modernizar a produção, e na reforma da PAC de 2006, visando combater a superprodução de vinho (Pulpon, 2013).
- 26 Assim, nas últimas décadas, embora a produção total de vinho na Espanha não tenha crescido, houve uma profunda mudança estrutural com a substituição de vinhedos mais antigos e menos produtivos por novos. Também houve uma tentativa de diversificar os tipos de vinhos e de se concentrar em vinhos de maior qualidade. Isso indica que, embora a Espanha seja um país produtor de vinhos muito antigo, com os primeiros registros de Denominação de Origem Protegida datando da década de 1930, o caminho da difusão da produção de vinhos de alta qualidade (como na França) é recente, começando no final da década de 1980. Essa transição foi apoiada por uma cadeia coordenada e uma série de instituições públicas e reguladoras, que orientaram os diferentes estágios do processo. A Espanha conseguiu fazer progressos significativos e agora está entre os maiores produtores mundiais de vinhos de alta qualidade (Castillo Valero, Compés López, Alvarez-Coque, 2014).
- 27 É importante observar que essa estrutura geral é comum a toda a agricultura dos países da UE. Há coordenação, planejamento e implementação das colheitas e da renda dos produtores que buscam regular e equilibrar a produção, os preços, o consumo e a qualidade dos produtos agrícolas e dos alimentos processados. Há também um controle rigoroso e uma regulamentação séria das exportações e, acima de tudo, das importações de produtos agrícolas (especialmente alimentos).
- 28 Os vinhedos estão presentes em todas as regiões espanholas, mas com grandes diferenças nas áreas de cultivo entre as comunidades autônomas. Por exemplo, a Comunidade Autônoma de Castilla-La Mancha tem uma área de vinhedos de 433.600 hectares, enquanto Castilla y León tem 75.000, a Catalunha 56.300 ou as Ilhas Baleares com 1.900 hectares (Vineyard Survey, 2015).

- 29 O mapa nº 1 mostra a distribuição das D.O. de vinho na Espanha, e fica claro que elas se espalharam por todas as regiões do país, incluindo as Ilhas Canárias e as Ilhas Baleares.
- 30 Esta situação, por um lado, transformou o país em um grande produtor de vinhos de diversos tipos, desde os brancos aos tintos, com diversos graus de elaboração e qualidade, desde muito baratos a vinhos de elevados preços para mercados exclusivos de alto poder aquisitivo. Por outro lado, criou um problema, pela necessidade da delimitação de inúmeras denominações de origem protegidas, que por vezes não tem um limite claro, e por questões administrativas, como a divisão das comunidades autônomas acabam por fragmentar o território. Uma mesma região produtiva pode ser fragmentada por algumas de suas áreas pertencerem a uma Comunidade, enquanto outra parte pertence a outra comunidade, como ocorreu com as DOs Mérida e Madrid.

Mapa 1. Denominações de Origem Protegidas de Vinho na Espanha (2020)



Fonte: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación. Gobierno de España.

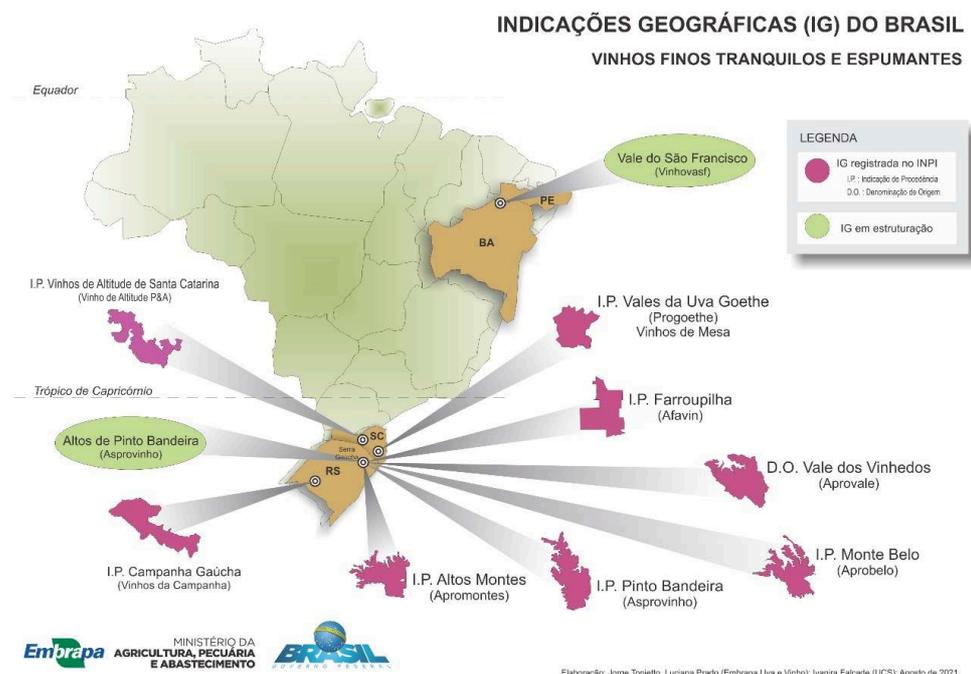
- 31 A Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia é o principal conjunto de políticas destinadas a regular, direcionar, financiar e proteger a agricultura e a produção de alimentos nos países membros. A PAC foi criada no contexto da reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial e da resolução de conflitos, como uma política destinada a garantir o suprimento de alimentos, regular os preços e melhorar a produtividade agrícola, conforme aponta Segrelles Serrano (2017):

Antes de mais nada, seu objetivo era evitar a recorrência da escassez crítica de alimentos que o continente teve de sofrer após o fim da Segunda Guerra Mundial. A PAC é uma estratégia de intervenção pública em nível europeu cuja função original era promover a consolidação do desenvolvimento social e econômico das áreas rurais e garantir a autossuficiência dos produtos agrícolas de acordo com os seguintes princípios básicos: a unidade do mercado europeu, a preferência europeia

pela produção e a solidariedade financeira entre os Estados-Membros. Ao mesmo tempo, como é sabido, perseguiu cinco objetivos fundamentais: aumentar a produtividade das explorações agrícolas, garantir o apoio à renda dos agricultores, estabilizar os mercados, manter o abastecimento a preços razoáveis para os consumidores e garantir a segurança do abastecimento alimentar (Segrelles Serrano, 2017, p. 165).

- 32 A PAC atingiu plenamente seus objetivos iniciais ao garantir o fornecimento de alimentos em quantidade e aumentar a qualidade dos produtos que chegam aos mercados. Ao mesmo tempo, assegurou a rentabilidade dos produtores e conteve o êxodo rural no contexto da aceleração do crescimento econômico e da urbanização nas primeiras décadas do pós-guerra.
- 33 Nas décadas seguintes, a PAC tornou-se maior e mais complexa, passando por várias reformas em 1992, 1996, 1997, 1997, 2003, 2008 e 2015 (Cantó López, 2003; Cejudo García, 2003; Gonzalo Langa, 2015; Segrelles Serrano, 2017, entre outros). As reformas foram desencadeadas por mudanças tanto no próprio setor agroindustrial quanto no cenário econômico-social mais amplo. No primeiro caso, os sucessivos excedentes de alimentos trouxeram à tona os problemas da queda dos preços das superculturas e o conseqüente desestímulo à produção e o abandono do campo pelos mais jovens. No segundo caso, o panorama a favor da ação direta do Estado nas atividades econômicas mudou, e os recursos substanciais alocados para a PAC foram questionados.
- 34 No contexto não apenas da PAC, mas também das regulamentações agrícolas espanholas, o vinho é o produto com o maior número de regulamentações específicas de ponta a ponta da cadeia, desde o produtor rural até o consumidor final (Sánchez Hernández, 2014). Em contraste, no Brasil, os primeiros registros de Indicações Geográficas para vinho começaram em 2012 e estão em andamento (Giesbrecht, Minas, 2016).
- 35 No Brasil, o estabelecimento de Indicações Geográficas (IGs) de origem está em processo de desenvolvimento. A modernização da produção de vinho em relação às exigências internacionais de qualidade é muito recente, datando do início dos anos 2000, com sete Indicações de Procedência (IP) e uma Denominação de Origem (DO) registradas. A DO Vale dos Vinhedos, no estado do Rio Grande do Sul, é a região produtora de vinhos mais tradicional do Brasil e a que iniciou o processo de transição dos vinhos finos. A principal produção dessa região é de vinhos brancos espumantes de alta qualidade.
- 36 A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com sua unidade Uvas e Vinhos, vem realizando trabalhos de pesquisa e desenvolvimento de vinhos finos e de adaptação de uvas às condições de clima e solo do país. Há também outras instituições voltadas para a modernização do setor e para o registro de IGs, como o SEBRAE, instituições estaduais de pesquisa, secretarias estaduais e cooperativas agrícolas. Uma das estratégias é a associação da produção de vinho com o turismo. Diversas vinícolas na Serra Catarinense e na Serra Gaúcha estão investindo em projetos que integram vinícola, hotel, restaurante, loja e visitas as unidades produtivas com atividades de prova de vinhos.
- 37 O Mapa 2 mostra as indicações geográficas para o vinho no Brasil. Todas as IPs e DOs já registradas estão localizadas nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Há uma IP em processo de registro no Estado de Pernambuco, no Vale do São Francisco. Pode-se observar que há uma concentração das áreas de produção em poucas regiões, ao contrário da Espanha, como vimos.

Mapa 2. Indicações de Procedencia y Denominaciones de Origen del Vino en Brasil (2022)



Fonte: Embrapa Uva e Vinho, 2022.

- 38 A situação em que várias instituições públicas estão trabalhando para o desenvolvimento do setor vitivinícola não garantiu uma política geral de apoio e regulamentação, nem tributação específica, nem a disseminação do consumo como as que existem na Espanha. Portanto, o processo está em andamento, mas é lento e está sujeito a fatores externos, como a crise econômica que afeta o Brasil nos últimos tempos, que reduz ainda mais a parcela da população com capacidade econômica para consumir vinho. Isso significa que o consumo de vinho e, conseqüentemente, a produção de vinho no Brasil continua elitizada e acessível a um público pequeno, como discutiremos na próxima seção.

OS MERCADOS DE CONSUMO DO VINHO

- 39 O consumo de vinho na Espanha passou por mudanças significativas nas últimas décadas, acompanhadas, por um lado, por mudanças nos vinhedos e na própria produção de vinho e, por outro lado, pelo aumento da renda per capita dos espanhóis e pelas mudanças na vida urbana desde a década de 1990 (Albisu, 2014).
- 40 Entre a grande variedade de vinhos espanhóis, divididos em mais de 70 regiões produtoras com Denominação de Origen Protegida e mais de 3.000 vinícolas, há desde vinhos muito baratos e acessíveis até vinhos de alto valor com safras limitadas e reservas especiais. Isso significa que o vinho espanhol está presente em todos os momentos, desde a vida cotidiana até as celebrações, incluindo aqueles com alto poder aquisitivo, que buscam status e exclusividade ao consumir vinho.
- 41 Assim, embora o consumo total tenha se alterado pouco, houve uma mudança importante no tipo de vinho consumido, em que a maioria da população que antes

- consumia vinhos de mesa, mais tradicionais e de menor valor, passou a consumir vinhos DOP, de maior qualidade, preço e status. De acordo com dados do estudo do Observatório do Mercado de Vinhos da Espanha e da Federação Espanhola de Vinhos (2009), 50% dos consumidores compram vinhos com Denominação de Origem Protegida.
- 42 No período mais recente, após a crise de 2008, houve uma mudança significativa: a maior parte do consumo de vinho agora ocorre em casa, em vez de nos canais de comércio, bufê e restaurantes institucionais.
- 43 Como Sánchez Hernández (2014, p. 34) aponta:
- Em 2010, as residências absorveram 47,2% do valor do vinho consumido na Espanha e 59% do volume total, com o consumo externo respondendo por 52,8% do valor e 41% do volume. Essa distribuição é o resultado de uma redução sustentada na participação de mercado do canal HORECA (hotel, restaurante e catering), que se acelerou desde o início da crise econômica (Del Rey, 2011a). Segundo esse autor, com base no Painel de Consumo Alimentar, os vinhos sem Denominação de Origem Protegida (DOP) ainda representavam 49,3% do volume comercializado nesse ano, mas apenas 21,6% do valor, enquanto os vinhos tranquilos com DOP já representavam 39,2% do volume e 60,6% do valor. Os dados internos de cada área de consumo mostram claramente que o canal HORECA concentra suas vendas em vinhos com DOP e que as famílias bebem mais vinhos sem DOP, mas gastam mais dinheiro em vinhos com DOP.
- 44 Embora o consumo de vinho na Espanha tenha se mantido estável em termos per capita por vários anos, ele é diário e atual. De acordo com um estudo do Observatório do Mercado de Vinhos da Espanha e da Federação Espanhola de Vinhos (2009), mais de 60% da população adulta consome vinho e, desses, 80% o consomem diariamente e 88% consomem vinho tinto. A quantidade média de vinho consumida per capita por ano foi de 37 litros. É um hábito profundamente enraizado e familiar, tanto entre os mais jovens quanto entre os mais velhos. Na vida cotidiana, o vinho é consumido principalmente como acompanhamento das refeições.
- 45 Nos restaurantes espanhóis, o "menú del día" na hora do almoço é comum, desde os mais caros e exclusivos até os mais populares nos bairros. Esse menu tem um preço único e consiste em dois pratos, uma bebida, uma sobremesa e um café. A bebida mais comumente servida nos cardápios é o vinho. Assim, o vinho é consumido todos os dias, mesmo no intenso verão espanhol, quando compete com a cerveja. Os preços baixos e a alta qualidade dos vinhos espanhóis ajudam a reforçar esse hábito cultural profundamente enraizado.
- 46 Entre outros fatores, como a alta produtividade dos novos vinhedos espanhóis, um dos fatores que ajudam a manter os preços do vinho baixos é que, na legislação espanhola, o vinho é registrado e tributado como alimento, com taxas muito mais baixas do que as de outras bebidas alcoólicas. Nos supermercados, os preços dos vinhos espanhóis são ainda mais atraentes, tornando-os o principal local de compra de vinho no país, de acordo com a pesquisa.
- 47 Nos supermercados da Espanha, os vinhos espanhóis ocupam quase todas as prateleiras dedicadas a essa bebida. Mesmo nos grandes supermercados com grandes e variadas vinícolas (como Carrefour, Mercadona, Alcampo e El Corte Inglés), os vinhos importados ocupam um espaço pequeno e sem importância. Estas grandes lojas destacam os vinhos espanhóis, que são distribuídos entre as principais regiões das Denominações de Origem Protegida (DO), como La Rioja, Ribera del Duero e La Mancha, entre outras.

- 48 Ao contrário, no Brasil, seja nos supermercados ou nas vinotecas especializadas, os vinhos nacionais ocupam um espaço pequeno e sem muito destaque, quando são encontrados. Por exemplo, nas lojas de vinhos de alto padrão em cidades como Curitiba e São Paulo, até pouco tempo atrás, só havia vinhos importados, especialmente franceses e italianos. Nos últimos anos, alguns vinhos brasileiros de médio e alto valor têm aparecido gradualmente. Nos supermercados voltados para o público de classe média, é possível encontrar vinhos brasileiros de regiões como a Campanha Gaúcha e a Serra Catarinense, mas, além dos vinhos franceses e italianos, predominam os vinhos espanhóis, portugueses, chilenos e argentinos.
- 49 Há também um grande número de vinotecas na Espanha, que são lojas especializadas em vinhos. Elas têm um serviço de atendimento ao cliente mais qualificado para explicar os tipos de vinho aos consumidores e orientá-los em suas compras. Nessas lojas, em geral, são oferecidos apenas vinhos de preço médio-alto e predominam os vinhos espanhóis, em detrimento dos importados. Os preços baixos permitem que todas as classes sociais consumam vinho com frequência.
- 50 Conforme apontado pelo Observatório do Mercado de Vinhos da Espanha e pela Federação Espanhola de Vinhos (2009), 37% dos consumidores de vinho são de classe média baixa/baixa, 38% de classe média e 24% de classe média alta e alta. Em visitas a vários supermercados, sempre foram encontrados vinhos de boa qualidade a partir de um euro. Essa situação, por outro lado, impõe uma restrição ao crescimento do consumo de vinho, pois o vinho tem uma baixa elasticidade de renda. Isso significa que, como o consumo de vinho é facilmente satisfeito, mesmo entre os grupos de renda mais baixa, à medida que as classes de renda sobem, o consumo não aumenta na mesma proporção, o que leva a uma substituição do consumo de vinho mais barato por vinhos de preço e qualidade mais altos.
- 51 No caso de uma mudança no nível de renda devido a um aumento geral da renda, como ocorreu na década de 1990, ocorre o mesmo processo. As pessoas que começam a ter empregos mais bem remunerados do que antes, e seus filhos, não necessariamente consumirão mais vinho com o aumento da renda, mas o substituirão. Essa substituição pode até ocorrer com outras bebidas de maior valor, antes inacessíveis, como uísque e vinhos espumantes. Assim, a alternativa para aumentar as vendas de vinho pela Espanha tem sido incentivar as exportações.
- 52 Nos últimos anos, o consumo de vinhos espanhóis foi o que mais cresceu no Brasil, devido aos bons preços e à alta qualidade. Os vinhos chilenos e argentinos também ampliaram seu espaço no mercado brasileiro pelo mesmo motivo. Os vinhos franceses e italianos perderam espaço entre os vinhos de valor médio, pois nesse segmento os vinhos espanhóis têm melhor qualidade, assim como os vinhos chilenos e argentinos.

Quadro 1. Análise comparativa do setor de vinícolas no Brasil e na Espanha

	Brasil	Espanha
Produção	<ul style="list-style-type: none"> - Produção em grande escala de uvas de mesa e produção em menor escala de uvas viníferas. - Uvas viníferas em adaptação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Produção de uvas viníferas em larga escala. Um dos maiores produtores de vinho do mundo com variedades consolidadas.

Estrutura industrial	- Cooperativas agrícolas, pequenas e médias empresas nacionais, diversificação dos investimentos de outros setores.	- Pequenas, médias e grandes empresas nacionais, grandes empresas internacionais.
História	- Recente- Início do século XXI - IG e DOP em processo de criação.	- Tradicional - DOPs consolidadas
Políticas e instituições de Apoio	- Não existem políticas específicas de financiamento ou para difusão da vitivinicultura e o consumo de vinho. - Apoio de governos estaduais e municipais ao enoturismo. - Pesquisa das empresas públicas em matéria de viticultura e técnicas de produção.	-Existe uma ampla política de apoio, financiamento e regulação da vitivinicultura e do vinho. -Apoio das Comunidades Autônomas e dos governos locais. -Instituições públicas de pesquisa, agências de desenvolvimento local e recursos financieros da PAC-UE.
Principais problemas	- Forte concorrência externa. - Escassas economias de escala devido a instabilidade do clima. - Baixo status comparado com o vinho importado.	-Competencia externa. -Bajo crecimiento del consumo en el mercado interior.
Estratégia de desenvolvimento	- Ampliação da produção de alta qualidade. - comercialização por meio do Enoturismo.	- Ampliação das exportações. - Marketing. - Ampliación de DOPs.
Mercados consumidores	- Mercado nacional de renda média/alta.	- Mercado nacional e externo de todos os níveis de renda.

Fonte: elaboração própria.

CONCLUSÕES

- 53 A Espanha é um país tradicional na produção de vinhos, com um processo recente de modernização e expansão das exportações. O Brasil é um novo produtor, que muito recentemente expandiu a produção dos chamados vinhos finos, substituindo o tradicional vinho de mesa, que é de baixo preço e qualidade. Atualmente, o mercado brasileiro de vinhos é abastecido principalmente por vinhos importados, especialmente da Argentina, Chile, Portugal, Espanha, Itália e França.
- 54 O setor brasileiro de vinhos finos é formado principalmente por vinícolas de pequeno e médio porte e cooperativas agrícolas. Nos últimos dez anos, surgiram várias vinícolas de grande porte que buscam entrar no mercado de vinhos de alta qualidade produzidos em pequena escala. A produção em larga escala de vinhos finos é limitada por um clima com excesso de chuvas, que é mais adequado para a produção de uvas de mesa, especialmente no sul do país. Em contrapartida, a Espanha tem uma estrutura

agroindustrial mais variada e numerosa, com milhares de vinícolas, desde pequenas vinícolas de propriedade local até cooperativas e grandes grupos ligados a conglomerados internacionais. O país varia entre a produção em grande escala de vinhos de qualidade média e a produção em menor escala de vinhos de qualidade superior.

- 55 A Espanha tem um dos maiores mercados de consumo de vinho do mundo, mas com baixas expectativas de crescimento, devido à ampla difusão do consumo de que já desfruta entre todas as classes sociais. As possibilidades de expansão da produção se dão pela substituição da produção de menor valor pela produção de maior valor agregado no mercado interno e pela expansão das exportações. No entanto, no Brasil, há um grande espaço para o crescimento do consumo de vinho, pois o nível per capita está bem abaixo da média dos países europeus. Assim, a expansão da produção doméstica foi gerada tanto pelo aumento do consumo em geral quanto pela concorrência com as importações, bem como pela substituição de vinhos de baixa qualidade por vinhos finos.
- 56 Uma das diferenças mais profundas entre a cadeia produtiva do vinho no Brasil e na Espanha tem a ver com instituições e políticas. Na Espanha, há um conjunto complexo de regulamentações, políticas e incentivos para a produção de vinho que praticamente não existe no Brasil. O sistema de Denominações de Origem Protegida e Indicações Geográficas de Origem está consolidado e desenvolvido na Espanha, mas no Brasil está em um estágio inicial.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, C. P. S. Sá, D. M. et al. Processo de Desenvolvimento do Vale dos Vinhedos. X Simpósio de Excelência de Gestão em Tecnologia- SEGET, 2013.

Albisu, L. M. Consumo de Vino en España. Tendencias y comportamiento del consumidor. In: Castillo Valero, J. S.; Compés López R. La economía del vino en España y en el mundo. Série economía n. 23. Cajamar Caja Rural, 2014.

Almeida, A. Bragagnolo, C. Chagas, A. L. S. A Demanda por Vinho no Brasil: elasticidades no consumo das famílias e determinantes da importação. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba-SP, Vol. 53, Nº 03, Jul/Set 2015.

Amador, L. J. A., Sanchez Hernández, J. L. S., & Santos, J. L. A. Los espacios vitivinícolas en Castilla y León: la evolución hacia un sistema productivo de calidad. Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, (35), 2003.

Amorim, F. M. Medeiros, F. D. C. Estudo da viabilidade e da importância do Enoturismo como alternativa de uma atividade sustentável para a região vitivinícola tropical do Vale do Submédio São Francisco (Pernambuco/Bahia, Brasil). Turismo & Sociedade. Curitiba, v. 7, n. 3, julho de 2014.

BRDE- Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Vitivinicultura em Santa Catarina: situação atual e perspectivas. Florianópolis: BRDE, 2005.

- Caliari, V. Uva e Vinho. In: Síntese Anual da agricultura em Santa Catarina 2019– 2020. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2021.
- Campos, R., Stallivieri, F. , Vargas, M., Matos, M. (org.). Políticas estaduais para arranjos produtivos locais no sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: e-papers, v. 1. 2010.
- Cañizares Ruiz, M C. Evolución del paisaje del viñedo en Castilla- La Mancha y revalorización del patrimonio agrario en el contexto de la modernización. Scripta Nova, vol. XVIII, n. 498, Barcelona, 2014.
- Cantó López, M. T. La integración de la dimensión ambiental en la actividad agraria: evolución y síntesis jurídica desde las primeras directivas hasta la reforma de la PAC de 2003. (Una perspectiva a largo plazo para la agricultura sostenible). Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, n. 41, 2006.
- Carreras, A., Tafunell, X. Entre el imperio y la globalización: historia económica de la España contemporánea. Barcelona: editorial Planeta S.A., 2019.
- Castillo Valero, J. S. Compés López, R. La economía del vino en España y en el mundo. Serie economía n. 23. Cajamar Caja Rural, 2014.
- Castillo Valero, J. S. Compés López, R. Alvarez-Coque, J. M. La regulación vitivinícola. Evolución en la UE y España y situación en el panorama internacional. In: Castillo Valero, J. S. Compés López, R. La economía del vino en España y en el mundo. Serie economía n. 23. Cajamar Caja Rural, 2014.
- Cejudo García, E. Maroto Martos, J. C. La reforma de la PAC 2003: Desacoplamiento, condicionalidad, modulación, desarrollo rural. Scripta Nova, vol. XIV, n. 318, Barcelona, 2010.
- Debastini, G. Leite, A. C. et al. Cultura da uva, produção e comercialização de vinhos no Brasil: origem, realidades e desafios. Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.20, n.2, p. 471-485, jul./dez. 2015.
- Dicken, P. Mudança Global: Mapeando as novas fronteiras da economia mundial. 5 ed. Porto Alegre/RS: Bookman, 2010.
- Empresa Brasileira De Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA. Embrapa Uva e vinho: Indicações Geográficas de Vinhos do Brasil. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil>>. Acesso em: 22/abr./2020.
- Esteban Rodríguez, S. Cambios en las denominaciones de origen protegidas del sector del vino en España: movimientos entre mundos de producción. Boletín De La Asociación De Geógrafos Españoles, (74), 2017. <https://doi.org/10.21138/bage.2463>
- Esteban Rodríguez, S., & Climent López, E. Indicadores para la caracterización de tipo de tecnología y mercado en las denominaciones de origen de vino. Papeles de Geografía, (1), 44–64, 2017. <https://doi.org/10.6018/geografia/2017/290401>
- Farias, C. V. S. A indústria vitivinícola e o desenvolvimento regional no RS: uma abordagem neoinstitucionalista da imigração italiana aos dias atuais. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Rural, v. 5, n. 2, p. 64-93, mai-ago/2009, Taubaté, SP, mai-ago/2009.
- Galilea, I. Arnáez, J. Lasanta, T. Ortigosa, L. Evolución y desfragmentación del paisaje del viñedo en la Rioja Alta (España) en el período 1956-2000. Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, n. 69, 2015.

- Giesbrecht, H., Minas, R. (coords). Indicações geográficas brasileiras: vinho. 2a ed. Brasília: sebrae, inpi, 2016.
- Gonzalo Langa, J. Aplicación de la Reforma de la PAC (2015- 2020) em Extremadura. In: La Agricultura y la ganaderia extremeñas 2015. Badajóz: Fundación CB, 2015.
- Guglielmo, R. Um novo capítulo da geografia: a geografia do consumo e da distribuição. In: George, P et al (Orgs.). A geografia ativa. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1975.
- Losso, F., Pereira, R. A vitivinicultura de altitude em Santa Catarina (Brasil): espaços privilegiados para o turismo. Turismo & Sociedade. Curitiba, v. 7, n. 3, p. 418-445, julho, 2014.
- Mamigonian, A. Neoliberalismo Versus Projeto Nacional no Brasil e no Mundo. In: Revista Paranaense de Geografia, nº 6, Curitiba, pp. 15-23, 2001.
- Market Analysis. Estudo do mercado brasileiro de vinhos tranquilos e espumantes – Demanda. São Paulo: Corporation Vitivinícola Argentina e Instituto brasileiro do vinho (Ibravin), 2009.
- Martinez- Arnaíz, M. Baraja-Rodriguez, Herrero-Luque, D. Multifunctional Territorialized Agri-Food Systems, Geographical Quality Marks and Agricultural Landscapes: The Case of Vineyards. Land, v. 11, 2022.
- Mecha, R. Análisis comparativo de 8 estudios de caso de industria rural. Aportaciones para la investigación y las políticas públicas. Anales de Geografía, n. 26, Madrid, 2006.
- Mello, L. Vitivinicultura brasileira: panorama 2019. Bento Gonçalves/RS: Embrapa, 2018.
- Méndez, R. Mecha, R. Transformaciones de la industria española en el contexto de la globalización. Anales de Geografía de la Universidad Complutense, no. 21, 2001.
- Nodari, E. Frank, Z. (2019). Vinhos de altitude no estado de santa catarina: afirmação de uma identidade. Tempo e argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 183 - 200, jan./abr.
- Observatorio Espanol del Mercado del Vino y Federacion Espanola del Vino. Genoma del consumidor de vino en España. OeMv, Madrid, 2009.
- OIV.x Organization internationale de la vigne et du vin. State of the vitiviniculture world market, 2022.
- Pulpon, A. R. R. El viñedo en espaldera: nueva realidad en los paisajes vitivinícolas de Castilla-La Mancha. Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, n. 63, Madrid, 2013.
- Quaranta, D. H. Análise comparativa dos sistemas de proteção dos nomes de origem no Brasil e na França. Desenvolvimento Regional em Debate, vol. 9, núm. 2, 2019. Universidade do Contestado, Brasil.
- Ramirez Garcia, S. Desarrollo rural y calidad diferenciada. Análisis de las dinámicas de las denominaciones de origen en la Comunidad de Madrid. Tesis Doctoral. Facultad de Geografía y História. Universidad Complutense de Madrid, 2016.
- Sánchez Hernández, J.L. Sensibilidad y resiliencia de las regiones españolas durante las crisis económicas (1976-2011). V Jornadas de Geografía Económica Crisis económica e impactos territoriales. Girona: AGE/Universidad de Girona, 2013.
- Sánchez Hernández, J.L. El valor social y territorial del vino en España. En Castillo, J. Compés, R., La economía del vino en España y en el mundo. Serie Economía n. 23. Cajamar Caja Rural, 2014.
- Sánchez Moral, S., Arévalo Sánchez, P. Globalización, industria tradicional y territorio en Castilla-La Mancha. Anales de Geografía de la Universidad Complutense de Madrid, vol. 27, no. 1, 2017.
- Santos, M. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Serrano, J. A. S.. Las ayudas agrarias y sus repercusiones sobre la agricultura familiar en la última reforma de la Política Agraria Común (2014-2020) de la Unión Europea: ¿Cambiar para que todo siga igual? Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, (74), 2017.

Vázquez de la Torre, G. M. Las denominaciones de origen y las rutas del vino en España: un estudio de caso. Revista de Ocio y Turismo, n. 5, Coruña, 2012.

RESUMOS

Este estudo compara a dinâmica geográfica da indústria do vinho na Espanha e no Brasil nas últimas décadas. A metodologia é baseada em estudos empíricos, trabalho de campo, análise da literatura e estatísticas sobre o assunto. A Espanha é um país tradicional na produção de vinhos, com um processo recente de modernização e expansão das exportações. O Brasil é um novo produtor, que está expandindo a produção de vinhos finos, substituindo o tradicional vinho de mesa. No Brasil, o setor de vinhos finos é predominantemente estruturado por indústrias de pequeno e médio porte e cooperativas agrícolas, que enfrentam forte concorrência dos vinhos importados. Na Espanha, há uma estrutura industrial mais heterogênea e numerosa, com milhares de empresas, desde pequenas vinícolas de propriedade local até cooperativas e grandes grupos vinícolas.

Este estudio compara la dinámica geográfica de la industria del vino en España y Brasil en las últimas décadas. La metodología se apoya en estudios empíricos, trabajo de campo, análisis de bibliografía y estadísticas sobre el tema. España es un país tradicionalmente productor de vino, con un reciente proceso de modernización y expansión de las exportaciones. Brasil es un nuevo productor, que está ampliando la producción de los vinos finos, en sustitución del tradicional vino de mesa. En Brasil, la industria del vino fino está estructurada predominantemente por pequeñas y medianas industrias y cooperativas agrícolas. La producción brasileña a gran escala de vinos finos se ve limitada por la agresiva competencia de los vinos importados. En España existe una estructura industrial más heterogénea y numerosa, con miles de empresas, desde pequeñas bodegas de capital local hasta cooperativas y grandes grupos vitivinícolas.

This study compares the geographic dynamics of the wine industry in Spain and Brazil in the last decades. The methodology is based on empirical studies, field work, analysis of bibliography and statistics on the subject. Spain is a country that traditionally produces wine, with a recent process of modernization and expansion of exports. Brazil is a new producer, which is expanding the production of fine wines, replacing the traditional table wine. In Brazil, the fine wine industry is predominantly structured by small and medium-sized industries and agricultural cooperatives. Large-scale Brazilian production of fine wines is limited by aggressive competition from imported wines. In Spain there is a more heterogeneous and numerous industrial structure, with thousands of companies, from small locally owned wineries to cooperatives and large wine groups.

Cette étude compare la dynamique géographique de l'industrie du vin en Espagne et au Brésil au cours des dernières décennies. La méthodologie est basée sur des études empiriques, un travail sur le terrain, une analyse de la littérature et des statistiques sur le sujet. L'Espagne est un pays traditionnellement producteur de vin, qui a récemment entamé un processus de modernisation et d'expansion des exportations. Le Brésil est un nouveau producteur, qui développe la production de vins fins, remplaçant le vin de table traditionnel. Au Brésil, l'industrie des vins fins est principalement structurée par des petites et moyennes industries et des coopératives agricoles. La production brésilienne de vins fins à grande échelle est limitée par la agressive

concurrence des vins importés. En Espagne, la structure industrielle est plus hétérogène et plus nombreuse, avec des milliers d'entreprises, allant des petites exploitations viticoles locales aux coopératives et aux grands groupes vinicoles.

ÍNDICE

Mots-clés: industrie alimentaire et des boissons ; marchés de consommation ; politique agricole; Géographie Économique de l'industrie.

Keywords: food and beverage industry; consumer markets; agricultural policy; Economic Geography of the industry.

Palabras claves: industria de alimentos y bebidas; mercados de consumo; política agrícola; Geografía económica de la industria.

Palavras-chave: indústria de alimentos e bebidas; mercados consumidores; política agrícola; Geografia Econômica da indústria.

AUTORES

MARLON CLOVIS MEDEIROS

Doutor em Geografia Humana- Universidade de São Paulo
Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Email: marlonmedeiros@hotmail.com

SILVIA CRISTINA LIMBERGER

Doutora em Geografia- Universidade Federal de Santa Catarina
Professora da Universidade Federal da Integração Latino Americana
Email: sillimberger@gmail.com

ROSA MECHA LÓPEZ

Doutora em Geografia- Universidade Complutense de Madrid
Professora da Universidade Complutense de Madrid
Email: mecha@geohis.ucm.es